



Pardal Monteiro regressa hoje a uma das suas monumentais casas em Lisboa

Exposição documental abre hoje na Biblioteca Nacional para devolver a Lisboa o arquitecto que “marcou a cidade, a que todos conhecemos e que não sabemos que foi ele que fez”

Arquitectura
Joana Amaral Cardoso

Porfírio Pardal Monteiro regressa hoje a casa – ou pelo menos a uma das suas muitas e monumentais casas em Lisboa. Sonhou o Ritz, que não viu terminado, desenhou a Cidade Universitária e desgostou-se com as gares marítimas que projectou mas que viu diminuídas em ambição. O arquitecto de um certo edifício do Estado Novo que continua a ser vivido, todos os dias, por estudantes, viajantes, investigadores, crentes ou jornalistas. Até Junho, está tudo na também sua Biblioteca Nacional (BN).

Setenta e sete anos depois da última exposição dedicada ao seu trabalho, Porfírio Pardal Monteiro é um dos pratos fortes da Lisbon Week em forma de mostra com mecenato da CGD, para a qual construiu o edifício da Avenida dos Aliados, no Porto, a sua maior obra fora de Lisboa.

Voltemos à capital. Até 9 de Junho, abrem-se seis janelas, seis núcleos expositivos, para a cidade com a marca de Porfírio. É que há uma Lisboa antes e depois de Pardal Monteiro. Numa palavra, “modernização”, diz ao PÚBLICO Ana Tostões, autora da fotobiografia de Porfírio Pardal Monteiro e coordenadora de *Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970*. E comissária, com João Pardal Monteiro, sobrinho-neto de Porfírio, da exposição que lhe dá o cognome de “arquitecto de Lisboa”.

“Uma Lisboa da modernização e da dignidade da obra pública. O Instituto Nacional de Estatística, o Instituto Superior Técnico (IST), o Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), o Diário de Notícias, as Gares [marítimas de Alcântara e da Rocha de Conde de Óbidos], a Estação do Cais do Sodré (1925-28) são marcos fundamentais e ligados a acções de desenvolvimento - são sítios onde se estuda, se lê, se escreve, de onde se viaja”, enumera Ana Tostões.

A arquitecta, tal como milhares de portugueses, vive a obra de Porfírio. É professora catedrática no IST, “o primeiro marco” do moderno Porfírio Pardal Monteiro “com impacto na comunidade”, “não só porque era grande e um campus universitário mas também porque se situava numa acrópole da cidade, era visto de toda a parte”, descreve Ana Tostões.



Desenhos e projectos para o edifício do Instituto Nacional de Estatística

É o princípio. Não o da arquitectura moderna em Portugal, que Ana Tostões situa sem hesitações nas mãos de Cristino da Silva e no seu cinema Capitólio (zona do Parque Mayer, e que teve também a colaboração de Pardal Monteiro), mas do traço largo, monumental mas pragmático, e moderno que Pardal Monteiro desenhou em Lisboa. A exposição quer mostrar aos visitantes que “este autor marcou a cidade, a que todos conhecemos e que não sabemos que foi ele que fez”.

Na base desta mostra não cronológica e polvilhada por peças de mobiliário desenhadas por Pardal Monteiro e de desenhos e objectos de trabalho do arquitecto está a tese de doutoramento de João Pardal Monteiro sobre o tio-avô. Caminhando pelos 1000 m² da nova sala de exposições da BN que se abriu para acolher a exposição, o arquitecto e professor mostranos a linha temporal que serve de guia ao visitante, com perto de 90 dos cerca de 200 projectos de Porfírio Pardal Monteiro que foram executados. Fala-nos da influência dos arquitectos franceses no trabalho de Porfírio, homem com dois grandes mestres - o seu professor José Luís Monteiro e o seu primeiro empregador, o arquitecto Ventura Terra. E frisa a importância da escala que o distingue. “Não são só edifícios com

uma função majestática e de imponência, mas têm uma parte humana”, diz João Pardal Monteiro, são “edifícios mais a pensar nas pessoas”, que não esmagam. Respiram.

Um lado pragmático

Lisboa de Porfírio: os lugares de ensino, investigação e cultura, núcleo que evidencia a importância do IST, mas também o LNEC (1949-52), a BN (1952-61), já depois da sua morte e terminada pelo sobrinho António Pardal Monteiro) e a Cidade Universitária (1935-58) - que lembram a Ana Tostões não só “o lado muito pragmático, eficiente” de Pardal Monteiro, “um homem muito decente no sentido de aplicar bem o dinheiro”, mas também a resistência de Salazar em fazer a Universidade em Lisboa porque já havia Coimbra - motivo pelo qual se apresentam na mostra os três projectos diferentes para o complexo universitário.

A capital é também o somatório das grandes obras públicas da década de ouro desses empreendimentos, das gares (1934-43/45) que “seriam a obra mais grandiosa e aquela em que Pardal Monteiro mais se empenhou”, segundo a comissária, mas que não foram feitas como o projecto único que o arquitecto desenhara, às obras para fins

religiosos. A Missão Portuguesa dos Adventistas (1923-24), mas sobretudo a polémica igreja da Avenida de Berna que cumpre um dos ideais do moderno, a integração das artes na obra com escultores como Francisco Franco ou pintores como Almada Negreiros a trabalhar consigo.

Polémica porque, apesar de defendida na sua modernidade pelo cardeal Cerejeira, foi contestada pelos “sectores mais reaccionários, nomeadamente no grupo dos arquitectos”, assinala Ana Tostões. E é “em 1938 que Pardal Monteiro se sente completamente acossado e faz uma grande exposição no Técnico, onde tem apoio”. Passados agora 77 anos, então, o filho de uma família de construtores de Pêro Pinheiro cujo pai era amigo do arquitecto Ventura Terra, vê-se também reconhecido pelos seus hotéis da modernidade e do glamour. O Tivoli (1952-59) e, claro, o imponente Ritz (1952-59), também terminado após a sua morte por António Pardal Monteiro.

Reconhecida ainda a habitação, que lhe mereceu cinco prémios Valmor com moradias, palacetes, prédios nas avenidas nobres de Lisboa, e os edifícios do progresso industrial e comercial como os primeiros stands de automóveis da cidade, como a já desaparecida Ford Lusitana (1929/30-32) ou o edifício Sorel (1952-56). Aproximamo-nos do fim. Pardal Monteiro - que sofre um AVC e fica acamado, suicidando-se aos 60 anos - como homem e arquitecto é o último núcleo da exposição. Pioneiro da internacionalização da arquitectura portuguesa, o arquitecto viajado e culto, fundador da União Internacional de Arquitectos.

Mas também um “bon vivant”, diz Ana Tostões, amante dos fados e amigo de Amália, um “teimoso”, sorri João Pardal Monteiro. Soltam-se as palavras de ordem: “Grande construtor, monumentalidade, grande arquitecto”, enfatiza Ana Tostões. “Profissionalismo e defesa da profissão”, assevera João Pardal Monteiro.

Um jovem profissional que logo começou a dizer alguns “não” e que a comissária descreve como sendo um arquitecto “sem concessões”. Trabalhando para um regime, para o Estado Novo e suas ideias muito dirigidas de representação? O regime queria “afirmar uma linguagem completamente nova e moderna, fazer uma demarcação do que tinha mudado desde a República, que interessava dizer que era confusa e que eles eram os homens deste Estado Novo higiénico, que se preocupava com os equipamentos”, contextualiza Tostões.

Mas Porfírio Pardal Monteiro, que “faz quase um pacto com Duarte Pacheco - querem os dois a mesma coisa”, essa arquitectura “de grande modernidade e monumentalidade”, defende a professora, será o arquitecto da sua geração “que consegue o equilíbrio mais certo entre monumentalidade, representação de Estado, dignidade”. “Não há arquitectura sem poder”, postula, e ele “personifica a década de ouro das obras públicas”. Mas se “constrói a imagem do Estado Novo”, é “como ele entende que deve ser, e quando estão a interferir, reage”, remata Ana Tostões. Por isso faz quase uma travessia do deserto entre 1938 e o pós-Guerra, quando a linguagem depurada do betão e das novas possibilidades construtivas que ele oferecia sai dos planos imediatos do Estado Novo. Faz prédios de rendimento até regressar aos grandes projectos como o LNEC, a BN, ou o Ritz.

A 3.ª Lisbon Week decorre até dia 19, centrada no bairro de Alvalade, com visitas culturais a vários espaços.